ISSN: 2358-8829

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE LEITURA

Nathalie Sena da Silva [1]

INTRODUÇÃO

O ingresso no primeiro ano do Ensino Fundamental representa um marco fundamental no ciclo de alfabetização, período em que a criança se insere formalmente no mundo da leitura. Para compreender como essas crianças que iniciam essa etapa percebem e significam o ato de ler, esta pesquisa fundamenta-se na Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici (2015). A partir desse aporte teórico, busca-se identificar os processos de objetivação e ancoragem, mecanismos que consolidam o universo simbólico dos aprendizes durante a aquisição da linguagem escrita. O interesse por essa temática emerge diretamente da práxis docente da pesquisadora, aliada aos resultados de estudos anteriores que evidenciaram o forte impacto de representações negativas no atraso escolar e na evasão, especialmente em turmas de correção de fluxo (Silva; Coutinho; Gomes, 2021a). A relevância deste trabalho justifica-se, também, pela necessidade de preencher uma lacuna acadêmica existente sobre o ponto de vista discente nos anos iniciais, uma vez que a literatura predominante foca excessivamente no papel do professor (Silva; Coutinho; Gomes, 2021b).

Diante desse contexto, o objetivo central desta investigação é analisar as representações sociais de leitura entre estudantes do primeiro ano do ensino fundamental. Para atingir esse propósito, metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso etnográfico com abordagem qualitativa, adotando a perspectiva do professor-pesquisador (Mattos, 2024a). A coleta de dados ocorre de forma contínua durante um ano letivo, valendo-se de instrumentos como observação participante, e entrevistas semiestruturadas.

Os resultados revelam que as crianças, ao iniciarem o ciclo de alfabetização, ancoram suas representações sociais de leitura majoritariamente no processo de

[1] Doutoranda em Ciências da Educação da Christian Business School - EUA, liesena1@yahoo.com.br.

ISSN: 2358-8829

decodificação e na funcionalidade atrelada às práticas escolares. A leitura é frequentemente objetivada por meio de metáforas, como a ação cognitiva de "juntar letras", e materializada em suportes físicos, como o livro e o caderno didático, refletindo uma compreensão instrumental voltada ao cumprimento de tarefas e à adaptação às normas da sala de aula. Além disso, os dados indicam que, embora a maioria dos estudantes ainda não se considere leitora, há uma valorização expressiva de espaços associados ao universo letrado, como a biblioteca, e do momento da contação de histórias, evidenciando a relevância da mediação docente para despertar o interesse e o engajamento emocional das crianças.

As discussões apontam que as concepções infantis sobre o ato de ler transcendem a obrigação pedagógica, configurando-se também como um capital simbólico para a aquisição de status e validação social. A motivação dos alunos para aprender a ler é impulsionada tanto por um desejo intrínseco de autonomia e descoberta, quanto por fatores extrínsecos, nos quais a leitura é percebida como um passaporte para obter reconhecimento familiar e, futuramente, garantir sucesso e responsabilidade financeira na vida adulta. O domínio da habilidade leitora é internalizado pelas crianças participantes do estudo como um mecanismo indispensável de ascensão, que legitima o valor do sujeito e consolida sua posição dentro da estrutura social, reforçando a necessidade de práticas educativas que dialoguem com essas múltiplas dimensões e expectativas.

METODOLOGIA

A presente investigação caracteriza-se metodologicamente como um estudo de caso etnográfico pautado por uma abordagem qualitativa, fundamentado na perspectiva do professor-pesquisador. Essa escolha epistemológica permite uma imersão no cotidiano escolar ao longo de um ano letivo, favorecendo o acompanhamento contínuo das concepções discentes sobre a cultura escrita. A inserção do pesquisador no próprio campo de atuação facilita a aproximação com os sujeitos e a apreensão das dinâmicas subjetivas que permeiam a sala de aula (Mattos, 2024b), constituindo um ambiente propício para dar visibilidade às vozes infantis no início do ciclo de alfabetização.

A coleta de dados estruturou-se por meio da articulação de três instrumentos qualitativos complementares, aplicados ao longo de um ano letivo sob a perspectiva da

observação participante em contexto etnográfico (2024b): entrevistas semiestruturadas com roteiro dirigido à apreensão das concepções, motivações e rotinas leitoras das crianças; registros em diário de campo das atitudes e interações espontâneas do grupo durante as práticas pedagógicas e de mediação da leitura; e oficinas com atividades lúdico-expressivas, como desenhos, manuseio de massinha de modelar, colagens e reconto de histórias, utilizadas como mediadoras para que os sujeitos em início de alfabetização pudessem projetar e comunicar seus universos simbólicos de forma compatível com o seu estágio de desenvolvimento psíquico e motor.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Teoria das Representações Sociais (TRS), formulada por Serge Moscovici e amplamente desenvolvida por Denise Jodelet no campo das ciências humanas, oferece um arcabouço conceitual para compreender a leitura no ambiente educacional. A leitura deixa de ser vista unicamente como habilidade técnica ou cognitiva de decodificação de signos e passa a ser compreendida como um saber prático e sociocultural. Como aponta Jodelet (2016), a representação constitui uma atividade mental e simbólica que estabelece um vínculo entre um sujeito e um objeto. No contexto educacional, o ato de ler e o próprio material escrito funcionam como construções repletas de sentidos compartilhados, influenciadas pelas pertenças sociais, vivências e contextos culturais dos sujeitos.

Sob essa ótica, percebe-se que as atitudes de alunos e professores em relação ao texto escrito são moldadas pelo que Jodelet chama de seus mundos de vida, ou seja, “o conjunto de situações nas quais estão situados os sujeitos pensantes” (2017, p. 26). O leitor é um sujeito ativo e socialmente situado que reinterpreta o texto com base no seu repertório simbólico e cognitivo prévio. A leitura, portanto, torna-se uma prática transdisciplinar (Jodelet, 2016) onde os saberes do senso comum, as linguagens e a comunicação comunitária e escolar se encontram para mediar a construção da inteligibilidade da realidade. Além disso, a dimensão afetiva, histórica e identitária é determinante na formação do leitor no espaço escolar.

De acordo com Jodelet (2017), a experiência vivida desempenha um papel central nos processos de formação e ancoragem das representações sociais. Se a leitura é representada no ambiente educacional como uma imposição meramente avaliativa,

ISSN: 2358-8829

alienada da realidade do estudante, ela tende a gerar afastamento; se, por outro lado, for representada como uma ferramenta de autonomia, construção do sujeito e leitura do mundo, torna-se uma prática significativa de emancipação social.

Por fim, a TRS aplicada à educação enfatiza a importância da relação entre os diferentes tipos de saberes envolvidos na leitura. A dinâmica das representações sociais aproxima os saberes científicos ou acadêmicos dos saberes de senso comum do cotidiano (Jodelet, 2016; Moscovici, 2015). Na prática pedagógica da leitura, reconhecer as representações sociais dos estudantes permite aos educadores criar pontes entre o texto literário/científico e as bagagens culturais e sociais dos alunos, promovendo uma mediação pedagógica que pode transformar a leitura em um campo vivo de diálogo, crítica e produção de sentidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise qualitativa e da sistematização dos dados empíricos obtidos no acompanhamento do grupo, emergiram três eixos analíticos que articulam as definições técnicas, os usos práticos e o valor simbólico atribuído à leitura no ambiente escolar e familiar.

No que tange às concepções ancoradas no processo de decodificação, a expressiva maioria do grupo, correspondendo a 11 dos 13 estudantes, define a leitura pela identificação, separação e fusão dos componentes mínimos do sistema escrito. Destaca-se o uso recorrente da "metáfora da montagem", em que as crianças objetivam a leitura como um ato de "juntar as letras" ou "pegar os pedaços da palavra", comparável a um quebra-cabeça. O único participante a declarar que já sabia ler conceituava o ato como "falar as letras", o que se alinhava ao seu nível pré-silábico na avaliação diagnóstica. Esses números revelam a predominância inicial de uma visão mecânica da escrita que, reflete a etapa de naturalização (Jodelet, 2001), momento em que a criança passa a ver o ato leitor concretamente como a montagem física de peças, tratando a abstração do processo cognitivo/linguístico como um objeto concreto do mundo material, exigindo intervenções pedagógicas que conduzam o aluno do deciframento técnico à construção ativa de sentidos.

Em relação às concepções ancoradas em aspectos de funcionalidade, 11 dos 13 alunos pesquisados apresentaram discursos que vinculam a leitura ao cumprimento das

ISSN: 2358-8829

obrigações escolares e aos suportes físicos do ambiente formal, como cadernos e livros didáticos. Somado a isso, 10 das 13 crianças justificaram a importância de aprender a ler atribuindo um valor funcional e cognitivo direto, focado na realização eficiente das tarefas ("fazer a tarefa direito" ou "rápido") e no êxito futuro no trabalho adulto e no auxílio à família. Essa forte vinculação institucional reflete-se na preferência espacial das crianças dentro da escola: 7 estudantes apontaram a biblioteca como o lugar favorito por causa dos livros, enquanto 6 alunos escolheram a sala de aula como o espaço central do estudo.

Ao analisar as concepções funcionais da leitura expressas pelos estudantes, destacam-se a "metáfora do letramento" e a "metáfora da descoberta" como processos de objetivação que concretizam a noção abstrata do ato leitor em imagens tangíveis e acessíveis ao universo infantil (Moscovici, 2015). A "metáfora do letramento" manifesta-se no discurso das crianças que articulam a leitura diretamente ao uso social da escrita e à comunicação interpessoal, como explicitado pela Criança 6 ("ler é escrever, usar caderno, nome") e pela Criança 7 ("escrever o que eu sei, poder fazer cartinhas"), evidenciando que ler e escrever são compreendidos como práticas indissociáveis para a expressão de ideias e a conexão com o outro. Por sua vez, a "metáfora da descoberta" objetiva a leitura como um instrumento de percepção e navegação autônoma pelo cotidiano, ancorada na declaração da Criança 8 ao afirmar que a leitura é fundamental para "saber o que tá na nossa visão" — o que envolve decifrar placas, rótulos, avisos e elementos do espaço urbano sem depender da mediação de um adulto. Dessa forma, o repertório discente revela que a leitura transcende a imposição de uma tarefa escolar rotineira, sendo representada pelas crianças como uma ferramenta de autonomia, cidadania e ampliação da visão de mundo.

No que diz respeito às concepções ancoradas na validação social e aquisição de status, 7 dos 13 participantes demonstraram motivações que transcendem a rotina escolar e posicionam o saber ler como um capital simbólico de distinção. Para esse grupo, dominar a leitura representa um passaporte para orgulhar os pais, obter recompensas materiais, equiparar-se a familiares leitores e alcançar visibilidade, como no relato da criança que afirma que quem lê pode "ensinar outra pessoa", assumindo uma posição hierárquica de poder e mediação. Além disso, a busca por esse reconhecimento social e pela autonomia ("ler sozinho") manifesta-se através da "metáfora da disciplina", em que a postura corporal de "ficar quieto" e concentrado é

ISSN: 2358-8829

percebida por estudantes como o requisito moral indispensável para garantir a aprovação do professor e o sucesso leitor.

A interconexão entre os indicadores de funcionalidade da leitura e aqueles relacionados à validação social e à aquisição de status é um aspecto epistemológico fundamental a ser reconhecido na análise dos dados. Exemplifica-se essa conexão na fala "Eu quero ler melhor. Ler é ficar estudando, ficar quieto", onde o comportamento funcional de estudo por meio da leitura é simultaneamente o que confere prestígio ou reconhecimento social. Esta sobreposição conceitual demonstra que, na prática empírica, a performance e a valorização social do ato de ler estão intrinsecamente ligadas, refletindo como o esforço disciplinado pode ser a variável que promove a ascensão de status.

A decisão metodológica adotada foi a de diferenciar analiticamente tais categorias, estabelecendo-as como construtos separados no aparato de análise. Essa separação permite à pesquisadora isolar e analisar de modo específico as interferências diretas das práticas escolares que, por sua natureza institucional, tendem a privilegiar e exigir a dimensão da funcionalidade da leitura. Ao isolar a funcionalidade como uma categoria própria, torna-se viável mensurar, com maior objetividade, o impacto do discurso pedagógico na construção das representações sociais de leitura do grupo investigado, distinguindo-o de outros vetores de influência social.

Destarte, a diferenciação categórica é uma estratégia analítica que visa à especificidade. Ela permite determinar a contribuição etiológica particular das exigências funcionais da escola na formação das concepções dos sujeitos sobre a leitura, garantindo que o foco da pesquisa nas práticas escolares não seja diluído pela sobreposição de aspectos de status que, embora correlatos, possuem origens sociais e motivações distintas.

A análise das declarações das crianças demonstra que a motivação para a leitura ultrapassa a obediência às exigências pedagógicas, configurando-se também como um ativo social focado na obtenção de Validação e Status. A leitura é percebida como um mecanismo de ascensão em múltiplas esferas: ela proporciona o reconhecimento imediato, garante a autonomia na interação social e estabelece-se como o passaporte para a concretização do papel adulto produtivo. Consequentemente, o domínio da leitura é internalizado como um meio para legitimar o valor do sujeito e consolidar sua posição dentro da estrutura social.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação permitiu compreender as representações sociais sobre a leitura construídas por estudantes de uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, evidenciando que o significado atribuído ao ato leitor se estrutura na articulação entre a dimensão técnica (decodificação), a funcionalidade prática e a procura de validação social. Verificou-se que a objetivação da leitura através de metáforas — como a montagem, o letramento, a descoberta e a disciplina — reflete a vivência dos aprendizes e a inerferência exercida pela rotina e pelas exigências do ambiente escolar. Conclui-se que o desempenho funcional e o status social do leitor estão intrinsecamente ligados na perceção infantil, revelando que a aprendizagem da escrita ultrapassa a competência linguística e constitui um fator de afirmação identitária no grupo.

Do ponto de vista da aplicação empírica, os achados oferecem subsídios para a práxis docente ao demonstrar a necessidade de superar modelos de alfabetização estritamente tecnicistas e instrucionistas. A incorporação intencional do repertório infantil, da dimensão afetiva e do caráter lúdico no planeamento pedagógico permite reestruturar conceções focadas na obrigação formal, convertendo o processo leitor numa prática dotada de sentido.

Para a comunidade científica, o trabalho preenche uma lacuna acadêmica ao colocar a perspetiva discente no centro da investigação psicossocial da alfabetização inicial, expondo a relevância da postura do professor-pesquisador no cotidiano escolar. Em virtude da natureza dinâmica das representações sociais, aponta-se a necessidade de novas pesquisas que acompanhem longitudinalmente a transformação destas conceções ao longo dos anos subsequentes da escolarização. Sugere-se, igualmente, a realização de estudos que confrontem as representações sociais dos estudantes com as dos seus educadores, bem como investigações que aprofundem o impacto dos diferentes ambientes de letramento familiar no envolvimento leitor.

Este diálogo contínuo entre a teoria e a prática pedagógica é necessário para consolidar intervenções alfabetizadoras mais significativas, inclusivas e alinhadas às reais necessidades dos estudantes. Nesse cenário, a Teoria das Representações Sociais (TRS) destaca-se por sua contribuição transversal ao campo educacional, atuando como uma ferramenta teórica e metodológica transdisciplinar capaz de integrar as dimensões cognitivas, afetivas, históricas e culturais dos processos de ensino e de aprendizagem.

Ao desvelar a forma como os saberes do senso comum, as identidades e os sistemas simbólicos circulam no espaço público e reconfiguram a rotina escolar, a TRS oferece aos educadores um referencial crítico para compreender os sujeitos de forma integral. Com isso, a abordagem transversal da teoria possibilita articular diferentes áreas do conhecimento, fundamentando políticas e práticas pedagógicas que acolhem a diversidade, combatem a estigmatização e promovem a autonomia discente.

Palavras-chave: Representações Sociais, Alfabetização, Leitura, Letramento.

REFERÊNCIAS

JODELET, Denise. A representação: noção transversal, ferramenta da transdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 162, p. 1258–1271, 2016. Disponível em: https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/3845. Acesso em: 23 set. 2026.

JODELET, Denise. **Representações sociais e mundos de vida.** Tradução de Lilian Ulup. Paris: Éditions des archives contemporaines; São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Curitiba: PUCPRess, 2017.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 17- 44, 2001.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. **Conversando sobre metodologia da pesquisa científica:** desenhando o projeto e a pesquisa. Cachoeirinha: Fi, 2024a.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. Etnografia na Educação: metodologias & epistemologias. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 31, n. 2, p. 1-7, abr./jun. 2024b. Disponível em: http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa. Acesso em: 23 set, 2026.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SILVA, N. S. da; COUTINHO, D. J. G.; GOMES, A. E. F. Representações sociais de estudantes de correção de fluxo escolar sobre leitura. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v. 7, n. 10, out. 2021. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/2699. Acesso em: 23 set. 2026.

SILVA, N. S. da; COUTINHO, D. J. G.; GOMES, A. E. F. Representações sociais e leitura: uma revisão integrativa de literatura. In: DICKMANN, Ivanio; BOELL, Márcia (org.). **União pela educação**. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2021b. v. 4, p. 103-112.